

Vista do Monte Holyoke (O Jugo), 1836

“A imaginação mal pode conceber vales arcadianos mais bonitos ou mais pacíficos que o vale do Connecticut”, escreveu o artista Thomas Cole em seu “Ensaio sobre paisagens americanas”. “Suas vilas são lugares rurais onde as árvores dominam cada habitação, e os campos às suas margens possuem o mais rico tom de verde.” Esta visão idealizada da América rural já estava começando a entrar em colapso quando Cole pintou a *Vista do Monte Holyoke*, também conhecida como *O Jugo*. Na década de 1830, o Monte Holyoke havia se tornado um dos destinos turísticos mais populares nos Estados Unidos, superado apenas pelas Cataratas do Niágara, e o afluxo de turistas estava a ponto de perturbar sua atmosfera pastoral. Ao escolher preservar este canto do país em uma pintura monumental, Cole produziu um registro visual duradouro de um evanescente modo de vida.

As paisagens constituíam um tipo de pintura popular e lucrativa nas primeiras décadas do século XIX, quando uma crescente população de habitantes urbanos viram, na vida rural, uma solução para os problemas da industrialização. Se estivessem muito ocupadas para fazer viagens de final de semana para o campo, estas pessoas ricas podiam, ao menos, olhar para uma imagem pacífica da vida que haviam deixado para trás. A decisão de Cole de retratar a famosa vista do Monte Holyoke foi, inicialmente, comercial: ele queria tirar partido do fato de os americanos se interessarem por cenas locais identificáveis, para pintar o que ele esperava que fosse uma obra comercializável.

Com a intenção de produzir algo que agradasse às pessoas, Cole adotou uma particularidade dramática do panorama, na qual uma figura enorme é revelada ao espectador, uma cena por vez. Em uma tela de quase dois metros de largura, Cole pintou a vista do topo da montanha, como se ele a tivesse observado em diferentes momentos, com uma tempestade espetacular atravessando a paisagem. No lado direito da pintura, está a Arcádia, descrita por Cole em seu ensaio — um lugar idílico com terras cultivadas, um número respeitável de árvores a dar sombras e um rio curvilíneo a enriquecer o solo. A característica distinta deste lugar pacífico é a graciosa curva do rio, em forma de U, que lembra um jugo, por si só um símbolo do controle do homem sobre a natureza. A cena é retratada logo após a tempestade, quando o céu está clareando e sendo inundado por uma luz dourada.

Em contraste, o lado esquerdo do quadro mostra as florestas montanhosas ainda sob a tempestade. A paisagem é sombria, com um céu pesado e um sinistro relâmpago. Os troncos arrancados do solo da floresta primitiva não parecem ter relação com as úteis árvores espalhadas pelo vale, mais abaixo. As duas cenas são interligadas por um pequeno, porém significativo, detalhe: o guarda-sol vermelho e branco inclinado em diagonal sobre o flanco da montanha faz uma ponte visual através do rio. Embaixo, aparece o equipamento de desenho do artista, inclusive um portfólio com a assinatura de Thomas Cole. O próprio artista aparece a alguns metros de distância, uma silhueta minúscula sob um chapéu de copa pequena, aninhado com seu cavalete entre as rochas e as árvores. Embora as terras cultivadas à direita pressupõem a existência de uma população humana, Cole é o único ator visível neste dramático panorama, e ele fincou seu guarda-sol como uma bandeira, para reivindicar estas matas selvagens como seu próprio território.

É difícil saber no que Cole acreditava. Ele admirava uma paisagem dominada e cultivada pelas mãos dos homens, mas também reconhecia que “o lado selvagem” da paisagem americana, uma esfera de significado moral para os americanos, estava ameaçada pela chegada da civilização. Ao lado da colina, além da curva do rio, Cole deixou uma mensagem disfarçada: a palavra *Noah* está rudemente gravada no alfabeto hebraico, um código que, de cabeça para baixo, lê-se *Shaddai*, o Todo-poderoso. Cole está sugerindo que a paisagem deve ser lida como um texto sagrado, que revela a palavra de Deus? Neste caso, qualquer intrusão humana não seria um sacrilégio? Por outro lado, a cuidadosa divisão que o artista faz da paisagem implica que a civilização separa o perigo e o caos inerentes ao mundo natural. Talvez a própria pintura incorpore a ambivalência de Cole. Afinal, ela foi produzida, expressamente, para exibição pública na expectativa de ganho material — uma exploração ardilosa da beleza natural da nação.



5-A Thomas Cole (1801 – 1848), *Vista do Monte Holyoke*, Northampton, Massachusetts, depois de uma tempestade — *O Jugo*, 1836. Óleo em tela, 130,8 x 193 cm (51½ x 76 pol.). Museu Metropolitano de Arte, Doação da Sra. Russell Sage, 1908 (08.228). Imagem © Museu Metropolitano de Arte.

ATIVIDADES DIDÁTICAS

F = FUNDAMENTAL (1º/5º) | M = MÉDIO

Peça aos alunos para olharem atentamente para esta pintura;

as metades da esquerda e da direita, o plano da frente e o fundo.

DESCREVA E ANALISE F | M

Explique aos alunos que o jugo é uma peça de madeira em formato de U, que se encaixa embaixo e em volta do pescoço de um boi, com suas pontas superiores presas à barra de um estribo. Onde está o jugo nesta pintura? Está localizado na curva central do rio.

F | M

Peça aos alunos para encontrarem estes objetos.

Um guarda-sol: *Encontra-se na parte inferior do centro, estendendo-se sobre o rio.*

Thomas Cole desenhando em uma cartola: *Encontra-se na parte central inferior, entre grandes rochas.*

Um raio: *Aparece ao longe, à esquerda, no centro.*

Pássaros: *Estão à esquerda do centro, às margens da tempestade.*

Fumaça: *Aparece em diversos lugares à direita.*

F | M

Peça aos alunos para compararem e contrastarem o lado direito e o lado esquerdo desta pintura. Que lado é selvagem e que lado é terra de fazenda cultivada? Esta comparação pode ser escrita em um diagrama de Venn. Desenhe dois círculos que se sobrepõem. No espaço em que os círculos se sobrepõem, faça uma lista dos objetos que aparecem em ambos os lados da pintura. No círculo da esquerda, descreva os objetos que estão no lado esquerdo da pintura e, no círculo da direita, descreva os objetos que estão à direita. Exemplos de respostas para o diagrama de Venn:



INTERPRETE F | M

Pergunte aos alunos por que alguém vivendo em uma cidade desejaria ter um quadro como este em sua casa.

Durante a década de 1830, muitos americanos estavam se mudando das fazendas para as cidades. Esta cena podia lembrá-los da paz e da beleza rural do campo. Outros poderiam ter contemplado esta vista, quando estavam em férias, e queriam lembrá-la.

F

Peça a um voluntário para fingir ser um meteorologista da televisão e dar uma previsão do tempo para as próximas horas para esta cena do vale do Rio Connecticut.

M

Na década de 1830, as matas selvagens dos Estados Unidos estavam sendo colonizadas. Florestas selvagens foram transformadas em fazendas de cultivo e em cidades. Pergunte aos alunos o que a tempestade que se aproxima por sobre a floresta selvagem pode simbolizar.

Pode sugerir a destruição vindoura das matas selvagens ou a vitória da civilização sobre a natureza, através da colonização.

Chame atenção para o sentido duplo da palavra hebraica (“Noah” e, quando invertida, “Todo-poderoso”) gravada no meio da lateral da colina. Peça aos alunos para considerarem que a mensagem de Cole poderia se relacionar às rápidas mudanças que estavam acontecendo no continente americano.

RELAÇÕES

Relações históricas: Puritanos; a ideia de uma cidade sobre a colina

Figuras históricas: Ralph Waldo Emerson; Henry David Thoreau

Relações literárias e documentos

importantes: “Ensaio sobre paisagens americanas”, Thomas Cole (ensino médio); *Natureza*, Ralph Waldo Emerson (ensino médio); *Democracia na América*, Volume I (1835) e Volume II (1839), Alexis de Tocqueville (ensino médio)

Artes: Hudson River School; pintura de paisagens; Romantismo